



A mimesis, a floresta de símbolos e o espelho da imitação

Mimesis, Forest of Symbols and Mirror of Imitation

Marcus Vinicius Freitas

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

marcus@letras.ufmg.br

<http://orcid.org/0000-0003-2205-0167>

Resumo: Este artigo analisa as condições históricas da construção da teoria da mimesis, de Luiz Costa Lima, em face do clima intelectual brasileiro nos anos 1970/1980. Estabelecendo uma distância tanto em relação ao desconstrucionismo quanto ao sociologismo, a teoria da mimesis se afirma como produção de diferença. A argumentação do artigo se desenvolve através de uma comparação do percurso teórico sobre a mimesis empreendido por Luiz Costa Lima com o de José Guilherme Merquior sobre o mesmo tema.

Palavras-chave: Luiz Costa Lima; José Guilherme Merquior; mimesis; sistema intelectual.

Abstract: This article aims at analysing the historical conditions in which Luiz Costa Lima built his theory of Mimesis throughout the decades of 1970s and 1980s, taking into account the “Brazilian intellectual system”, as the author himself use to call it. Keeping equal distance from the trends of Deconstructionism as well as from the Sociology of Literature, Costa Lima stresses the concept of mimesis as “production of difference”. The argument evolves by a comparison among Costa Limas’s theory and that of José Guilherme Merquior on the same subject of mimesis.

Keywords: Luiz Costa Lima; José Guilherme Merquior; mimesis; intellectual system.

Em um pequeno texto de autobiografia intelectual, intitulado “Antes que anoiteça ou panorama visto de antes”, que integra o volume *O insistente inacabado* (2018), Luiz Costa Lima busca resgatar, do “incômodo silêncio” (sic) a que involuntariamente relegara, aquela que ele mesmo denomina como uma enraizada fonte em que se prende a elaboração do seu pensamento. O cerne do pensamento a que se refere constitui, por óbvio, a sua insistente e profunda teoria da *mimesis*; e a raiz agora trazida à luz em comovida lembrança é o pensamento antropológico de Lévi-Strauss.

Gostaria de destacar, a princípio, uma menção feita por Costa Lima no bojo daquele ensaio, que parece secundária para a argumentação do texto – mas que se revela igualmente obsedante ao leitor atento à sua obra –, relativa ao que ele já designou em outros lugares como “sistema intelectual brasileiro”, e que ali recebe o tratamento mais modesto, mas não menos efetivo, de “clima intelectual”. Trata-se do seguinte:

A Universidade de São Paulo, que encabeçou a reação contra a ditadura de 1964, entendeu que as manifestações, aqui chegadas a partir da obra de Lévi-Strauss, tinham um caráter igualmente conservador ou até reacionário. [...] Entendendo que a reação ao historicismo implicava um explícito desligamento da temporalidade e, assim, um desdém pela história, parte conhecida da USP interpretava o Estruturalismo e suas consequências, ainda que estas conduzissem à crítica da orientação lévi-straussiana, como implícita ou explicitamente favoráveis ao golpe instalado. Tal reação seria irrelevante se a USP não desempenhasse, então, o papel de centro intelectual mais relevante do país. Ainda que hoje já não haja mais tal unanimidade, estabeleceu-se no país um clima tamanho de rotina e mediocridade intelectuais que se torna difícil pensar como sair do pesadelo que tem acompanhado o novo milênio. (COSTA LIMA, 2018, p. 38-39).

Assim é que, se a sua preocupação teórica com a *mimesis*, como disse o autor, deita raízes em Lévi-Strauss, e se manifestações aqui chegadas e geradas a partir da obra do antropólogo eram vistas como reacionárias, logo indignas de serem levadas a sério, era a própria teoria que se batia contra o clima intelectual hostil, e não apenas do ponto de vista de sua recepção dentro do sistema intelectual, como aponta o crítico, mas de sua própria elaboração, como tentarei demonstrar.

Passados tantos anos daquele embate cultural, quando a teoria desenvolvida por Costa Lima constitui hoje um monumento, e o nosso sistema intelectual não mais se caracteriza pela existência de imperiosa força centrípeta, haveria ainda pertinência nessa investigação, para além da justa lembrança de um percurso? O próprio autor nos responde “sim”, ao mudar o tempo verbal de sua frase do passado para o presente, e apontar o fato de que o clima de rotina intelectual é ainda, e talvez mais do que nunca, o pesadelo cotidiano que temos de enfrentar.

Formulo então uma hipótese de trabalho: desenvolvida por Luiz Costa Lima ao longo de quatro décadas, mas cujas raízes são, a meu ver,

anteriores àquele momento inaugural de *Mimesis e modernidade* (1980), a sua teoria da *mimesis* se relaciona, do ponto de vista propriamente teórico, com o mal-estar gerado pelo clima intelectual em que se inseria, mal-estar esse que possui duas faces. Por um lado, como falar de *mimesis* – e portanto do fato complexo de que a linguagem, sim, representa, mas de maneira nada ingênua, o que está para além dela, seja a história, a sociedade, a vida –, sem com isso excluir do diálogo intelectual uma parte importante do pensamento teórico corrente, que, marcada pela anti-figuratividade do Alto Modernismo e do pensamento de vanguarda, desterrara a *mimesis*, jogara no ostracismo a representação, para assim seguir à deriva na cadeia do significativo, no jogo exclusivo da repetição e da diferença, em meio a um mundo reduzido à baudelairiana floresta de símbolos, já que nada existiria fora do texto? Por outro lado, como falar de *mimesis* – e portanto do fato complexo de que a representação da história, da sociedade, da vida enfim, não se dá numa ingênua transparência do signo –, sem com isso excluir do diálogo intelectual outra parte importante do pensamento crítico corrente, que, marcada pelo zelo revolucionário da atribuição de tarefas ao ficcional, desterrara o pensamento teórico, para assim seguir presa na cadeia do significado, em nome da repetição de ideias e da indiferença ao que teimasse em existir fora da imitação espelhada de seu projeto sociológico? Note-se: não que o crítico Luiz Costa Lima se deixasse pautar por ou se preocupasse com o modo como os olhos de uns e os ouvidos de outros recebessem sua teorização. Não se tratava ali de cuidar de uma sociabilidade, mas de avançar a partir de postulados e contribuições que vinham tanto de um campo como de outro, sem tomá-los como partidos, e de avançar por outros ainda inexplorados, para fazer da reflexão teórico-crítica um lugar de superação da nossa histórica parca vocação reflexiva, demonstrável no apelo dos nossos letrados ao púlpito, ao palanque, à tribuna. Ao lado desse projeto teórico, que visava ao mesmo tempo à reflexão e ao seu lugar social, Costa Lima devia lidar com a constatação terrível de que, não se associando de maneira acrítica a nenhum dos dois campos em luta, como nunca o fez em relação a qualquer matriz teórico-crítica, o livre-pensador corria o risco de não ter interlocutores que fertilizassem seu empreendimento teórico. Corria o risco de, na melhor das hipóteses, se tornar um marginal entre os seus pares; na pior delas, de se tornar um pária, que precisaria se desterrar para seguir com seu pensamento estranho.

E, assim, como a interlocução entre os pares parecia barrada, porque uns olhavam primordialmente para o signo vazio, outros ouviam primordialmente o apelo do mundo, a interlocução deveria ser construída no interior mesmo da teoria. E aqui, ao que me parece, está o gatilho da teoria da *mimesis* como produção de diferença.

Colocada dessa maneira a questão, nos vemos na necessidade de deslocar o momento inaugural da reflexão apontado pelo autor, qual seja, a publicação de *Mimesis e modernidade*, em 1980, e recuar ao momento em que o Estruturalismo se faz mais presente em sua reflexão, ou seja, a uma década antes, para ali tentar flagrar não apenas a conexão entre *mimesis* e a contribuição lévi-straussiana, como o autor fez em seu texto de autobiografia intelectual, mas igualmente para captar o “clima intelectual” hostil que a teorização em gestação encontrava. Para caracterizar a teoria da *mimesis* como saída crítica do impasse gerado pelo clima intelectual, opto por fazê-lo por aproximação e contraste com outro pensador que, no meu entender, também tinha duras desavenças com o clima intelectual do começo dos anos 1970, mas cuja superação do impasse se deu de maneira violentamente diferente da de Costa Lima, seja na forma, seja no conteúdo, o que não invalida a muitas vezes surpreendente convergência de vários aspectos do diagnóstico feito por cada um deles sobre o ambiente teórico-crítico comum em que trafegavam, além da emblemática eleição, pelos dois, do mesmo mestre-raiz, Claude Lévi-Strauss. Me refiro a José Guilherme Merquior.

Estruturalismo e Teoria da Literatura, tese defendida por Luiz Costa Lima em 1972 na USP, sob a orientação de Antonio Candido, foi publicada como livro em 1973. Começo pelo que pareceria protocolar: o agradecimento ao orientador, estampado na primeira página do texto, se reveste aparentemente de certa ambiguidade, pois diz o autor que agradece “Ao professor Antonio Candido de Mello e Sousa, que aceitou orientar uma tese com que poderia não concordar” (COSTA LIMA, 1973, p. 5). A aparente ambiguidade dessa afirmação está no fato de que o leitor fica sem saber se a possível discordância teria criado impedimentos ou sido superada ao longo do percurso. A impressão se desfaz, a meu ver, e com todas as letras, na dedicatória de *Sociedade e discurso ficcional*, publicado treze anos depois, em 1986, onde se lê: “a Antonio Candido, por sua dignidade humana e intelectual” (COSTA LIMA, 1986, p. 5). Entre o agradecimento e a dedicatória, fica claro, me parece, que a dignidade humana e intelectual

do nosso maior crítico literário esteve sempre em conseguir dialogar com aquilo com que eventualmente não concordava. Esse traço ressalta da justaposição dos dois textos, e Luiz faz por sublinhá-lo. Ao mesmo tempo, o reconhecimento à abertura intelectual e humana de Candido funciona como indicativo do que aqui importa, a existência do mal-estar antes referido.

Mesmo sendo temerário sintetizar em poucas palavras um livro de mais alta densidade e rigor, que recusa leituras apressadas, podemos dizer que *Estruturalismo e Teoria da Literatura* possui como projeto superar a origem da reflexão sobre o literário no campo da estética, em busca de uma teoria da literatura que se constituísse como análise sistêmica. O modelo sistêmico a ser emulado é o de Lévi-Strauss. Desde o princípio do livro, na discussão do percurso da reflexão sobre a arte a partir dos gregos, o autor deixa claro que já Aristóteles, na *Poética*, percebe que “a arte é o discurso da diferença” (COSTA LIMA, 1973, p. 15). Essa filiação de Costa Lima à indagação e à perspectiva aristotélica justapõe, no interior do livro, a problemática da *mimesis* à passagem da análise estética à análise sistêmica. Ou seja, a teoria da literatura, para Costa Lima, ao se desenvolver como disciplina específica, constitui por excelência uma discussão das condições de compreensão da *mimesis* como diferença, o que se alimenta da análise sistêmica, tomada como modelo em Lévi-Strauss. Logo, se apenas em 1980 o caminho da teorização se revelou em sua inteireza, as condições de sua possibilidade e a centralidade da *mimesis* na teoria já estavam ali colocadas.

Na impossibilidade de uma demonstração extensiva, dados os limites de um artigo, apenas menciono um exemplo. Costa Lima busca aquela mudança de perspectiva, entre outros lugares, na análise lévi-straussiana da pintura corporal dos índios kadivéu, em especial na ornamentação do rosto feminino, que paradoxalmente não tem caráter ornamental, e sim funciona como uma *persona*, um elemento de identidade social. Estamos aí em pleno campo da *mimesis*, pois se trata então de uma representação desdobrada, na qual os elementos funcionam em dois planos ao mesmo tempo. E a compreensão desse fato só é possível a partir de uma resolução paradigmática de séries de elementos concretos, como traços ornamentais. Ou seja, as séries sintagmáticas de elementos aparentemente decorativos se resolvem conceitualmente na sua generalização paradigmática. O deslocamento dessa operação para o campo da literatura mostra que os seus elementos constitutivos não podem ser vistos apenas como efeitos de

superfície, recursos decorativos a serem captados por uma estilística, mas que adquirem valor conceitual quando a decomposição do sintagma os justapõe na grade paradigmática. A *mimesis*, portanto, não se contenta em imitar o mundo como semelhança. A partir de uma distância em relação ao processo de representação, ela trabalha ao mesmo tempo em duas direções, com a linguagem e sobre a linguagem. As conclusões de *Estruturalismo e Teoria da Literatura* colocam as bases de toda a pesquisa futura de Costa Lima. Uma vez mais reitero que a ausência de interlocução no ambiente intelectual fendido parece encontrar a sua solução no próprio interior da teoria de inspiração lévi-straussiana.

Mas há um dado intrigante: havia sim um interlocutor possível, que construía uma indagação muito próxima da de Costa Lima, ainda que totalmente em separado. Essa interlocução, no entanto, não aconteceu na prática, e foi abortada talvez porque o possível interlocutor rompeu espalhafatosamente com o ambiente intelectual. Um mesmo diagnóstico levou a caminhos muito distintos. Para reiterar a justeza da teorização de Costa Lima, justaponho-a às reflexões de José Guilherme Merquior, desenvolvidas na mesma hora. É surpreendente como *Estruturalismo e Teoria da Literatura* (1973) de Costa Lima, e *A estética de Lévi-Strauss* (1975) de Merquior, nos aparecem hoje como livros siameses. Enquanto Luiz escrevia sua tese de doutorado no Brasil, José Guilherme escrevia ao largo seu estudo sobre os mesmos temas lévi-straussianos, para ser apresentado em um seminário guiado pelo próprio antropólogo, a partir da mesma premissa que via na análise sistêmica de Lévi-Strauss uma senda para a investigação da *mimesis*. A pintura corporal kadivéu, a análise contrastiva do mito e da obra de arte, e a atenção de Lévi-Strauss à música são os três temas que percorrem paralelamente os dois livros. E as conclusões são igualmente convergentes. Vejamos, a título de exemplo, duas passagens, retiradas a primeira de Costa Lima e a segunda de Merquior, ambas conclusões sobre o tema da *mimesis* na arte em geral e na literatura em particular, ambas assentadas no pensamento de Lévi-Strauss:

Noutras palavras, a literatura não reafirma o “real”, papel do discurso ideológico, não o nega, papel do discurso onírico, nem se coloca entre a intersecção do princípio de realidade e do de re-presentação, papel do discurso mítico, mas sim coloca o “real” entre parênteses, isto é, o dispõe à distância, para afirmá-lo e/ou negá-lo. Afirmá-lo, de toda

maneira, não à semelhança do existente, negá-lo não forçosamente em absoluto. O estado de suspensão em que se põe é sempre um estado provisório, insustentável do princípio ao fim. Por isso... (COSTA LIMA, 1973, p. 477).

É por isso que a estética lévi-straussiana coloca resolutamente a arte “à mi-chemin entre l’objet et le langage”: nela a obra combina intimamente a abertura sobre o sentido do universo à mais ciumenta afirmação de seu próprio modo de ser. Já que, com efeito, o grande perigo da arte é **duplo**: é, ao mesmo tempo, de não chegar a ser linguagem, ou de sê-lo demasiado. Traindo a natureza do signo à força de querer reproduzir o mundo, [ou] esquecendo o objeto numa plaga igualmente artificial sobre o conjunto de seus signos, a obra de arte comprometeria sua riqueza semântica e sua solidez arquitetural. Para a nova estética, a preocupação pelo sentido e pela forma não se excluem: elas se implicam mutuamente. A mímesis passa pelo signo. (MERQUIOR, 1975, p. 43).

A convergência mostra que os dois autores percorriam caminhos paralelos até ali, e não por acaso eram eles os dois pensadores solitários que tinham preocupações com a *mimesis* em meio a um campo intelectual que parecia ter abandonado o aprofundamento desse elemento fulcral de qualquer teorização sobre literatura. Ainda que a teorização empreendida por Merquior sobre o caráter mimético da lírica em *A astúcia da mímesis*, de 1972, fosse aquém do que ele mesmo já alcançara em *A estética de Lévi-Strauss*, de 1969/1970, e que esse projeto de teorização permanecesse incipiente diante do avanço avassalador que Costa Lima daria à ciência da *mimesis* a partir de 1980, cabe notar que o recurso à noção de “astúcia”, presente na literatura desde que Odisseu construiu seu cavalo de madeira, constitui um correlato em grau menor da conceituação posteriormente exposta por Costa Lima sobre a distância entre a intenção inicial de semelhança e o resultado final de diferença na ação da *mimesis*. A duplicidade mesma do astuto Odisseu, que tira de dentro do signo-cavalo um outro sentido, funciona como uma metáfora adequada à distância entre intenção e realização da *mimesis*, processo de frustração do horizonte de expectativa do receptor do texto, assim como dos recebedores do cavalo, que, na expectativa da semelhança, encontram a diferença.

Mas o impulso comum que move os dois pensadores a trilhar um caminho distinto dos dois excludentes que impunha o ambiente intelectual

– caminho esse que se bifurca: para um, em direção ao aprofundamento da teoria, que o isola como um marginal no interior do ambiente intelectual em que se insere; para o outro, em direção a uma ruptura espalhafatosa e à descoberta de outra praia, que o isolam do mesmo ambiente intelectual ao custo de torná-lo um anátema –, esse impulso comum pode ser capturado em outros momentos de suas trajetórias.

Estruturalismo e Teoria da Literatura foi escrito quando as bases do desconstrucionismo pós-estruturalista já haviam sido colocadas. E é de se destacar que, talvez pelo apego à lição estrutural de Lévi-Strauss, as menções, por exemplo, a Jacques Derrida ou a Roland Barthes no interior do livro, são bastante parcimoniosas. Há aqui e ali referências à *Gramatologia* (1973), de Derrida, mas não à conferência seminal de 1967, “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”. Quanto ao Barthes da disseminação, da teoria performática e da textualidade – aquele Barthes que se anuncia na “A morte do autor”, de 1968, em *S/Z* e em o *Império dos signos*, ambos de 1970, textos portanto anteriores à reflexão de Costa Lima, em direção que leva o crítico francês a *O prazer do texto* (2013) –, esse Barthes não é sequer mencionado, sendo a única referência a ele retirada de *O grau zero da escritura*, que é de 1953. Ao lado dessa ausência significativa dos mestres do textualismo e do significante diferencial vazio, Costa Lima ignora solenemente toda a crítica de extração estruturalista, que àquela altura “praticava” o Estruturalismo como teoria aplicada. No texto autobiográfico recém-publicado, Costa Lima assim explica essa ausência:

Explico que nunca estendi meu interesse ao que se chamava crítica literária estruturalista porque, em relação à obra de Lévi-Strauss, era evidente sua falta de densidade. No esforço benéfico de afastar-se da crítica fundada na noção de sujeito autoral, promotora da nefasta “vida e obra”, a crítica estruturalista recaía no viés oposto de um imanentismo que se valia da absoluta consideração ao texto, como se a decomposição do texto em pares constantes e elementares tornasse irrelevantes os elementos sóciopsicológicos. (COSTA LIMA, 2018, p. 23).

Esse repúdio à crítica dita estruturalista é o mesmo de Merquior em *O estruturalismo dos pobres*, artigo publicado no JB em janeiro de 1974 e posteriormente em livro um ano depois, sempre lembrando que o estilo da resposta e as suas consequências são profundamente diferentes em um crítico e outro, o que não invalida a convergência dos pontos de

vista. Merquior se apresenta desbocado, deselegante, agressivo mesmo, absolutamente distinto do *speak low* de Costa Lima. Há um estudo muito esclarecedor, feito por Eneida Maria de Souza, intitulado “Os livros de cabeceira da crítica” (SOUZA, 2002), sobre a violência verbal, a falta de diplomacia e a verdadeira deselegância do diplomata Merquior nesse texto e em outros da mesma década, com a demonstração de seu terrível impacto no meio acadêmico. Eneida dissecou a retórica grosseira do crítico, sem, no entanto, a meu ver, propor uma avaliação mais aprofundada sobre o porquê daquele tom, atribuindo-o a um aristocratismo de Merquior, o que uma vez mais revela a verdadeira impossibilidade de diálogo a que, ironicamente, o diplomata se condenou. Mas hoje, vista à distância, e sem com isso desculpar o modo atrabiliário de Merquior, penso que essa violência, em alguma medida, estava ligada à sua exasperação e à sua pressa diante do ambiente intelectual que fazia, por limitações a ele inerentes, um uso mais retórico do que teórico da investigação e do conhecimento. E importa lembrar que o ataque de Merquior não é seletivo: tanto os avatares do texto, quanto os opostos redutores da *mimesis* à imitação entravam na conta: não é outro o sentido da menção de Merquior, no mesmo artigo, ao livro de Carlos Nelson Coutinho, *O Estruturalismo e a miséria da razão* (COUTINHO, 1971), acusado pelo crítico de total ingenuidade ao classificar a voga da aplicação estruturalista simplesmente como ideologia burguesa. Aliás, o texto de Carlos Nelson Coutinho pode ser lido hoje como um verdadeiro romance de costumes sobre o clima intelectual brasileiro daquele momento. O fato de que o livro foi reeditado em 2010, com um longo posfácio de José Paulo Netto, no qual este reitera todas as teses originais do autor, indica que o problema, como apontou Costa Lima, permanece. Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que Merquior, àquela altura, já estava passando pelo processo pessoal de mudança de ponto de vista que iria levá-lo ao social-liberalismo, sob a influência de Roberto Campos, na embaixada brasileira em Londres, e de Ernest Gellner, na *London School of Economics*, com quem faria um doutorado em sociologia, sob a égide do liberalismo. Mas o fato é que se pode perfeitamente reconhecer aquela exasperação contra o clima intelectual também em Costa Lima. Basta reler, entre outros, artigos como “Quem tem medo da teoria?” ou “Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil”, ambos publicados em *Dispersa demanda* (COSTA LIMA, 1981), ou ainda “A teoria da literatura entre nós” (COSTA LIMA, 2006, p. 33-40).

Faço ainda uma última aproximação entre os diagnósticos dos dois autores, para compreender uma vez mais o desenvolvimento da teoria da *mimesis* e a crítica de Costa Lima à cisão entre linguagem e mundo. No capítulo de *Sociedade e discurso ficcional* (1986) intitulado “Um conceito proscrito: mimese e pensamento de vanguarda”, Costa Lima investiga as reflexões teóricas dos artistas de vanguarda Apollinaire, Huidobro, Klee, Breton e Duchamp, desdobrando-as em plano filosófico na análise do pensamento desconstrucionista de Gilles Deleuze. A conclusão de sua investigação é a seguinte:

O pensamento de Deleuze nos aparece como o desdobramento filosófico de um impasse a que nos habituara o pensamento da arte de vanguarda. Mais radicalmente do que neste, deparamo-nos com a impossibilidade de tematizar a experiência intersubjetiva. Pois como seria possível pensar a comunicação, senão a exclusivamente lúdica e desinteressada dos parceiros, com o ostracismo da representação? (COSTA LIMA, 1986, p. 359).

Descartar a representação tem, como efeito teórico, diz Costa Lima, a paralisia do pensamento, e, como efeito prático, o divórcio cada vez maior “entre as produções da Modernidade e a capacidade de reconhecer sua motivação em nosso cotidiano” (COSTA LIMA, 1986, p. 359). Dessa constatação nasce a sua insistência em uma teorização diferencial do poético.

Ora, Merquior faz o mesmo diagnóstico sobre a teoria contemporânea, quando aponta o que chama de “colonização do pensamento teórico” pela arte do Alto Modernismo. Diz Merquior: “A teoria pós-estruturalista é a arte moderna do pensamento: deleita-se na sua própria antifiguratividade obstinada”. (MERQUIOR, 1991, p. 276). Em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, em 2001, Costa Lima louva o diagnóstico de Merquior sobre o impasse que nos legou a arte moderna, ao mesmo tempo em que não concorda nem um pouco com a possível resposta de Merquior para a superação do impasse: “A grandeza especulativa de Merquior esteve em localizar o impasse em que continuaremos vivendo. A formulação vale muito mais que a resposta proposta” (COSTA LIMA, 2001). Para Merquior, que reconhece tanto quanto Costa Lima o status do Alto Modernismo como crítica da cultura, o impasse só poderia ser superado por uma crítica da crítica modernista da cultura, uma vez que ela é antes de tudo uma contracultura, uma recusa da civilização – lembremo-nos de que é o Merquior, liberal

moderno, quem fala. Para Costa Lima, ao contrário, é exatamente a crítica da cultura, condição da arte modernista, que precisa ser aprofundada para que superemos o nosso impasse – lembremo-nos de que ali fala Costa Lima, o admirador radical da arte modernista. Seu repertório analítico não deixa dúvidas quanto a essa eleição. Opor-se frontalmente à contracultura modernista, como fez Merquior, seria o mesmo que repudiar a arte moderna. O fato de que o radicalismo modernista, muitas vezes, toma a metalinguagem como seu único horizonte, e assim fazendo leva ao desterro da *mimesis*, constitui, para Costa Lima, menos um impasse do que um desafio, qual seja, o de caracterizar o procedimento da *mimesis* como produção de diferença justamente a partir desse corpus a ela resistente. Esse atrito apenas fortaleceu os seus argumentos.

Em oposição à partidarização do mundo contra a linguagem, ou da linguagem contra o mundo, a teoria da *mimesis* busca integrar as duas perspectivas em uma síntese, que com certeza não visa à mediania, e sim ao aprofundamento da compreensão e da possibilidade de conhecimento. Não por acaso, Costa Lima termina seu ensaio autobiográfico reiterando uma vez mais sua profissão de fé no primado da ciência como condição de conhecimento sobre a arte, que com ela não se confunde. Diz o autor:

É de se louvar o primado que a Ciência estabeleceu contra a Metafísica. É verdade que ele provocou o detestável cientificismo, condição para o domínio do tecnológico, acachapante para a atividade reflexiva. Mas sem ele não seria aceitável o hiato entre produção de algo, por certo distinto e mesmo oposto ao que se dá na arte, e conhecimento, no sentido explícito do termo, i.e., uma forma discursiva que encontra seu fundamento em um lastro conceitual. (COSTA LIMA, 2018, p. 49).

Termino com uma nota pessoal: em 1990, defendi minha dissertação de mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação de Lauro Belchior Mendes, sobre a representação da América nas crônicas dos Descobrimentos, trabalho que foi obsessivamente calcado nos conceitos desenvolvidos por Luiz Costa Lima, mesmo sem compreendê-los em sua larga profundidade. Parodiando o autor em seu comentário sobre Lévi-Strauss, digo que, daquele momento à frente, o grande teórico e professor sumiu de meus textos. Quero aqui igualmente me redimir desse incômodo silêncio. Em tudo o que fiz depois, mesmo que tenha ido dar em lugares teóricos estranhos aos interesses de Costa Lima, e em todo o meu percurso,

o seu trabalho teimoso sobre a *mimesis* e, sobretudo, a sua insistência na necessidade de um diálogo intelectual mais profícuo, que rompa as barreiras tanto dos modismos quanto das igrejas de pensamento, sempre estiveram comigo, mesmo que de sua presença eu não tivesse plena consciência. O caminho para fora do pesadelo está dado.

Referências

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-70.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1986.

BARTHES, Roland. *O império dos signos*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BARTHES, Roland. *S/Z*. Trad. Lea de Abreu Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

COSTA LIMA, Luiz. A crítica total. *Folha de São Paulo*, Mais!, 15 jul. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200110.htm>. Acesso em: 23 nov. 2020.

COSTA LIMA, Luiz. A teoria da literatura entre nós. *Floema: Caderno de Teoria e História Literária*, Vitória da Conquista, BA, Ano II, n. 2A, p. 33-40, out. 2006.

COSTA LIMA, Luiz. Antes que anoiteça ou panorama visto de antes. In: _____. *O insistente inacabado*. Recife: Cepe, 2018.

COSTA LIMA, Luiz. Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 3-29.

COSTA LIMA, Luiz. *Estruturalismo e Teoria da Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1973.

COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis e modernidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

COSTA LIMA, Luiz. Quem tem medo da teoria? In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 193-196.

COSTA LIMA, Luiz. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

COUTINHO, Carlos Nelson. *O Estruturalismo e a miséria da razão*. Posfácio de José Paulo Netto. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: _____. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz M. N. da Silva. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 229-249.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

MERQUIOR, José Guilherme. *A astúcia da mimese*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

MERQUIOR, José Guilherme. *A estética de Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Praga a Paris*. Trad. Ana Maria de Castro Gibson. São Paulo: Nova Fronteira, 1991.

MERQUIOR, José Guilherme. O estruturalismo dos pobres. In: _____. *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. [Originalmente publicado no Jornal do Brasil, 27 de janeiro de 1974].

SOUZA, Eneida Maria de. Os livros de cabeceira da crítica. In: _____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 15-24.

Recebido em: 29 de junho de 2020.

Aprovado em: 7 de outubro de 2020.